

Aspectos Geográficos do Território Federal do Acre*

ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA
Da Divisão de Geografia do C.N.G.

O território do Acre integrado nos limites do Brasil a partir da assinatura do Tratado de Petrópolis em 1903, constitui atualmente vasta área de terras, cuja superfície é de 153 170 quilômetros quadrados, (Fig. n.º 1) com uma população de 114 755 habitantes, de acôrdo com o censo realizado em 1950.

As terras acreanas, estão tôdas situadas dentro da grande Região Norte, sendo por isto também chamadas de “Amazônia Acreana”. Estudando a sua paisagem física somos levados a salientar que não dominam aí as áreas baixas e alagadiças periódicamente, como se observa em grandes extensões do Baixo Amazonas. Isto significa na linguagem dos habitantes da Amazônia, que as “várzeas” — ou melhor as “praias” como chamam no Acre, e os “igapós” são pouco comuns, predominando assim as “terras firmes”.

Esta observação, que à primeira vista pode parecer simples especulação científica, tem no entanto grande significação para os administradores, tendo em mira a recente tese desenvolvida por grandes autores, como o Prof. PIERRE GOUROU, por exemplo, de que a ocupação agrícola da Amazônia só deve ser feita nas várzeas devido à pobreza dos solos da “terra

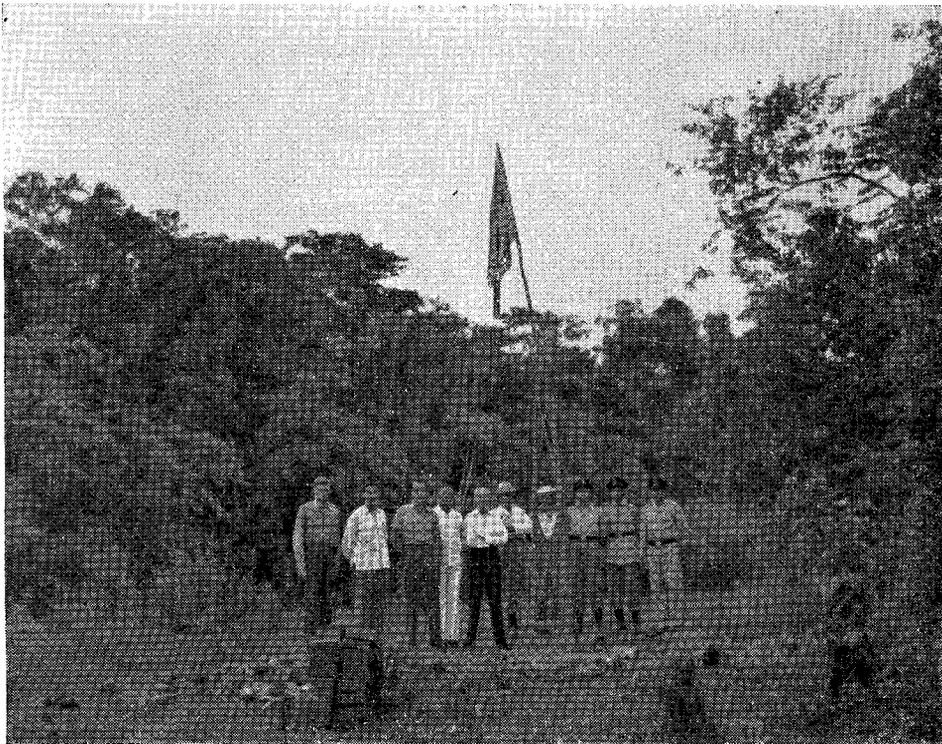


Fig. 1 — Marco localizado em Vila Plácido de Castro, na fronteira do Brasil com a Bolívia.
(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)

* O presente trabalho visa a fornecer algumas informações gerais, de natureza geográfica, acompanhadas de amplo documentário fotográfico, tendo em vista o pouco conhecimento que se tem da região.

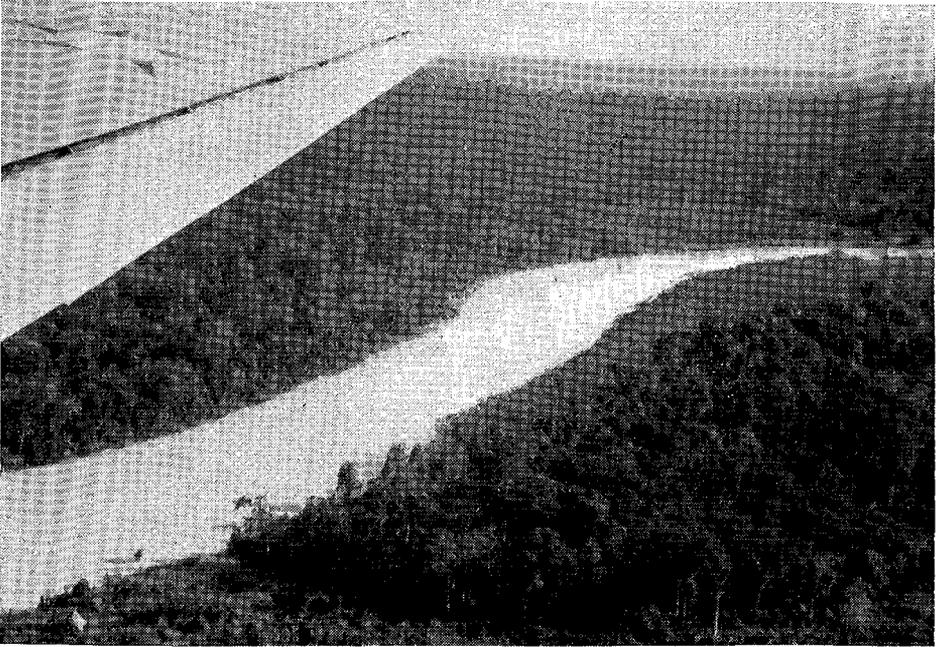


Fig 2 — Rio Tarauacá, num trecho próximo à cidade do mesmo nome. A área de floresta perto da cidade já foi destruída em vários trechos aparecendo hoje as marcas humanas, através de algumas capoeiras

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C N G)

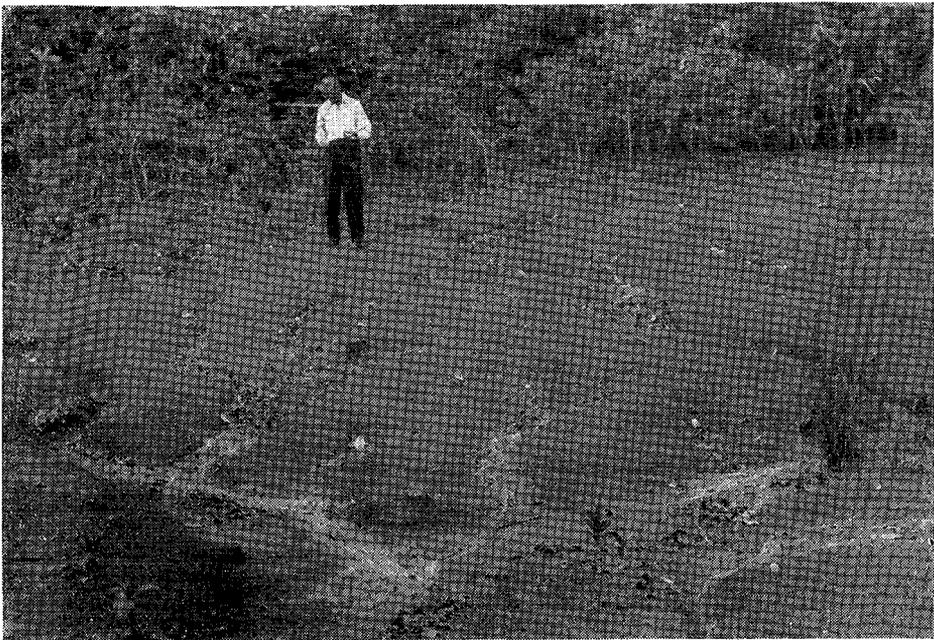


Fig 3 — O problema da erosão nas zonas cobertas por florestas, tem constituído assunto passível de discussão entre os diferentes autores, e por ocasião de nossa viagem pelo território do Acre procuramos estudar este fato, não encontrando porém provas seguras que nos permitam falar em erosão dos solos. Todavia desde que a floresta seja aberta, imediatamente a erosão do lençol de escoamento superficial difuso começa a trabalhar. A foto acima foi tirada no quilômetro 11 da rodovia Plácido de Castro, cuja mata foi derrubada em 1949, e a erosão escavou sulcos de 15 a 20 centímetros de profundidade num período de apenas 3 anos

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C N G)



Fig 4 — Índios Caxinauá semi-civilizados que habitam o rio Moru, próximo à cidade de Tarauacá
(Foto TIBOR JABLONSKY, do C N G)



Fig 5 — Tuxaia dos índios Caxinauá no município de Tarauacá (Rio Moru)
(Foto TIBOR JABLONSKY, do C N G)

firme” Todavia cumpre então perguntar, como fazem os habitantes dos territórios como o Acre e o Guaporé onde dominam as “terras firmes”?

O relevo do território do Acre não constitui um vasto depósito aluvial, cujos estratos se mantiveram em completa concordância, muito ao contrário, observa-se às vezes o aparecimento de uma superfície de discordância e também movimentação tectônica dos estratos, aparecendo com mais frequência as dobras, e as falhas. Aliás isto parece facilmente explicável tendo em vista a natureza essencialmente agilo-arenosa da maioria das camadas. Também não se deve pensar que toda a Amazônia Acreana seja constituída de terrenos cuja topografia seja perfeitamente horizontal, longe tal generalização.

A dissecação do relevo é às vezes muito intensa como se pode observar na região em que se encontra a cidade de Cruzeiro do Sul. Aliás nas redondezas da própria capital do território, quem penetrar nas terras da fazenda Sobral, ou mesmo da colônia Juarez Távora, terá oportunidade de observar os efeitos da erosão, dando surgimento a uma série de níveis.

Ao longo dos rios é frequente verem-se grandes deslizamentos de solo e camadas de rochas detriticas, de natureza aluvial como nos rios Acre, Moru, Tarauacá, Moa e Juruá.

Na cidade de Rio Branco, por exemplo, observa-se o aparecimento não só desses deslizamentos mas também de falhas e fraturas.

A rede hidrográfica não é constituída em sua totalidade por rios de leito muito amplo, cujo curso d'água descreve caprichosas curvas livres, isto é, meandros divagantes. Muito frequente é encontrar-se um encaixamento dos rios, e a explicação talvez possa ser fornecida pela própria variação do nível de base do rio Amazonas, isto é, variação do nível do oceano Atlântico.

Percorrendo-se a região nem sempre se pode ter uma boa visão da paisagem, devido à cobertura constituída pela floresta contínua, como também à não existência de pontos altos que permitam um horizonte maior (Fig n° 2). Assim, examinando-se algumas faixas de fotografias aéreas pode-se identificar uma possível rede de fraturas, as quais são ocupadas pelos rios, como é o caso do rio Iaco, em determinado trecho do seu curso.

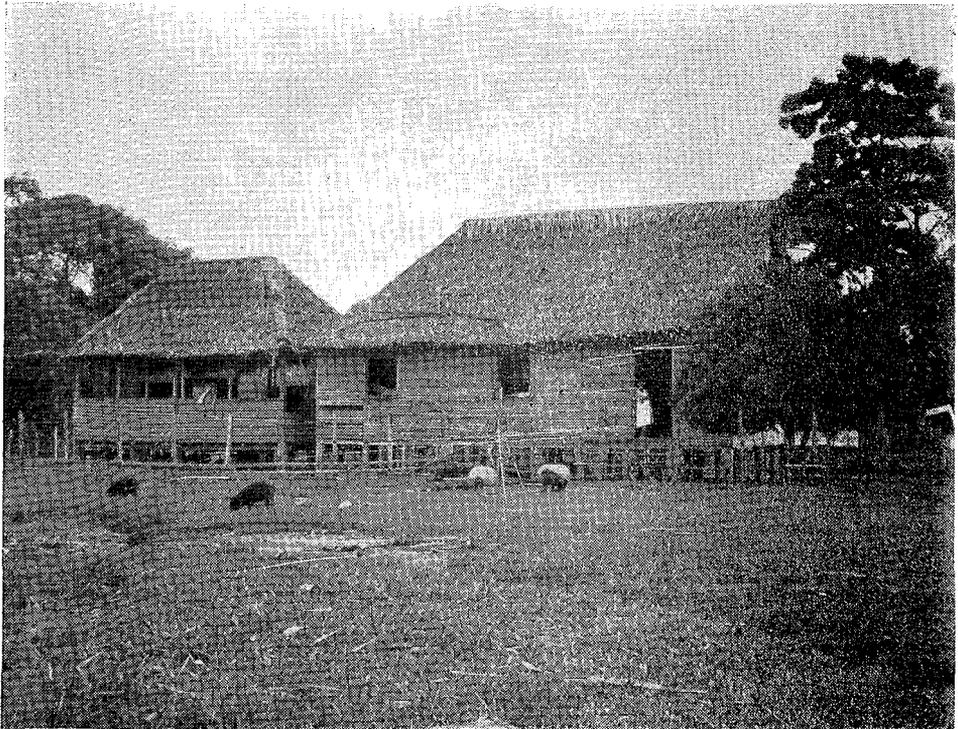


Fig 6 — Sede do seringal São Luís próximo à Vila Plácido de Castro, no rio Abunã
(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)

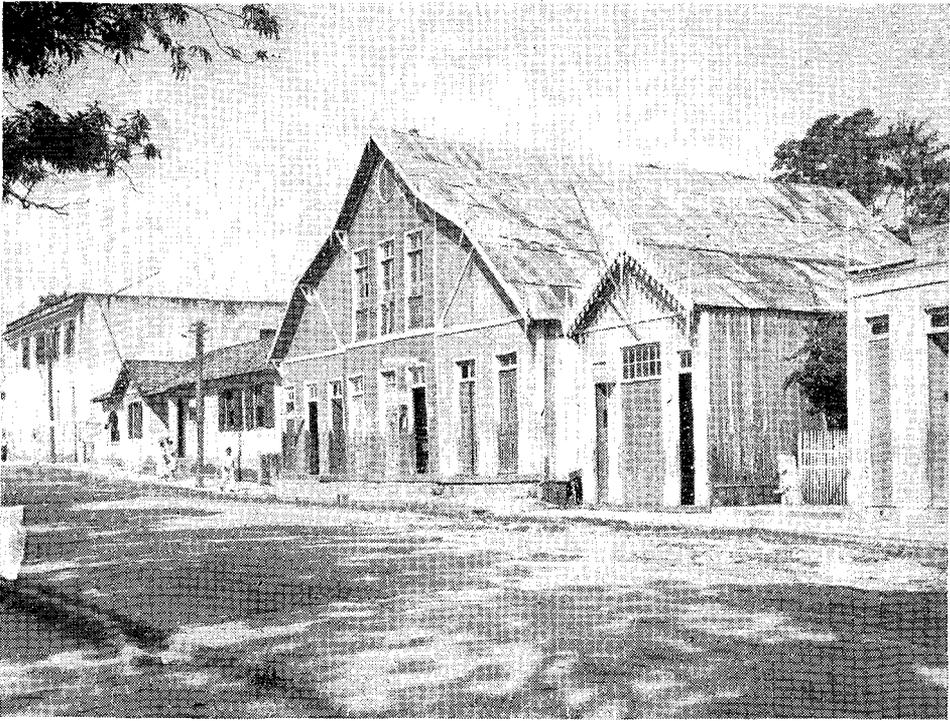


Fig 7 — Aspecto parcial da cidade de Rio Branco, em frente ao mercado municipal, vendo-se o prédio do Banco do Brasil, Correios e Telégrafos, e algumas casas de comércio (Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)

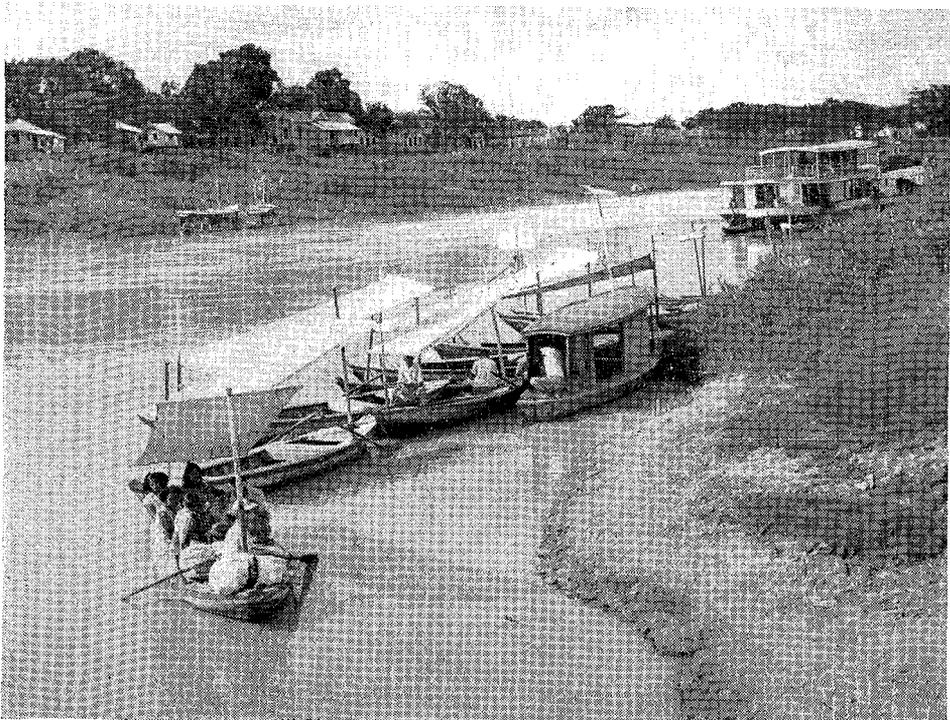


Fig 8 — A cidade de Rio Branco possui bairros que estão em ambas as margens do rio Acre. O transporte de passageiros que necessitam atravessar o rio é feito pelas "catraias" (Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)

No que diz respeito aos solos, embora não tivéssemos procedido a análises químicas, baseando-nos no entanto na ocupação feita pelo homem rural, no rendimento obtido com os métodos primitivos adotados, e comparando com o que se observa na zona do leste paraense, ou mesmo nas terras firmes (zona aluvial) do território do Amapá, somos levados a concluir pela existência de solos mais férteis no Acre. Não podemos deixar de salientar que a laterização não se desenvolveu nas terras acreanas, com a mesma intensidade que em outras áreas da Amazônia, como nos campos de Macapá, na zona bragantina, ou ainda em certos trechos da rodovia que se encontra em construção, no território do Guaporé.

As afirmativas que acabamos de fazer induzem a pensar-se que o problema de laterização no Acre não existe, porém, isto não corresponderia à verdade, e tanto não é assim, que a "canga" aflora em diversos pontos da rodovia Plácido de Castro, e no município de Brasília. Êstes afloramentos porém, são de pequena extensão, e não parecem constituir motivo de apreensão para a vida futura das atividades agro-pastoris.

A ocupação desordenada do solo, pode, porém, acarretar uma rápida exaustão da terra arável (Fig. n.º 3) e proporcionar condições favoráveis para o desenvolvimento do processo da laterização. Assim, o homem passa a constituir um agente acelerador da erosão dos solos e da intensificação da laterização dos solos e rochas.

O clima dessa porção sudoeste da bacia do Amazonas era tido como sendo um dos mais rudes para o homem. Esta noção muito difundida adveio do fato de se pensar que chovia diariamente no Acre e além do mais a elevada taxa de umidade relativa existente no ar tornava-o excessivamente penoso à vida humana. Com os dados fornecidos pelas estações de Sena Madureira e Cruzeiro do Sul, vemos que não existem grandes oscilações da temperatura, permanecendo esta mais ou menos estável durante o ano inteiro. Apenas nos meses de junho a agosto ocorrem às vezes baixas temperaturas, que são produzidas por ventos frios que vêm do sul ocasionando o chamado fenômeno da "friagem".

As estações no decorrer do ano são denominadas de "inverno" e "verão", segundo se esteja no período chuvoso ou no período sêco, não correspondendo ao verão e inverno astronômicos.

As altas temperaturas que ocorrem durante quase todos os dias do ano, aliadas a elevadas taxas de umidade relativa e também à intensa precipitação, durante o "inverno" são elementos que condicionam o desenvolvimento da densa floresta que cobre a quase totalidade da área do território.



Fig. 9 — Aspecto de algumas casas de comércio da cidade de Cruzeiro do Sul.

(FOTO TIBOR JABLONSKY, DO C.N.G.)

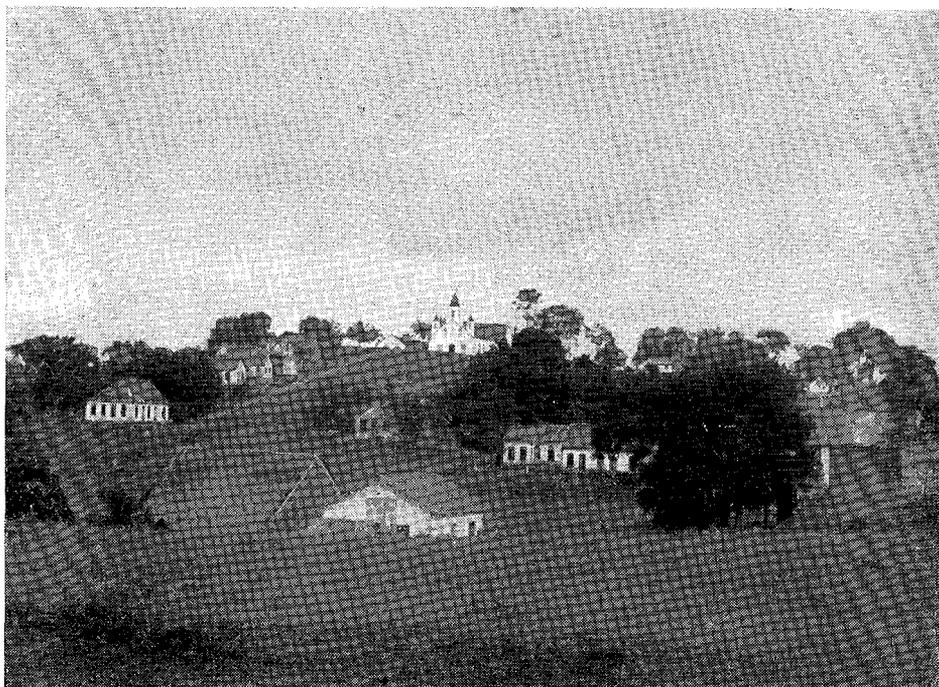


Fig 10 — Aspecto parcial da cidade de Cruzzeiro do Sul, vendo-se no alto do nível de 220 metros, a igreja de Nossa Senhora da Glória, cuja construção é de madeira
(Foto TIBOR JABLONSKY, do C N G)



Fig 11 — Aspecto parcial da zona comercial da cidade de Xapuri, junto ao pôrto. Observa-se que, na quase totalidade, as casas são feitas de madeira e cobertas de fôlhas de flandres
(Foto TIBOR JABLONSKY, do C N G)

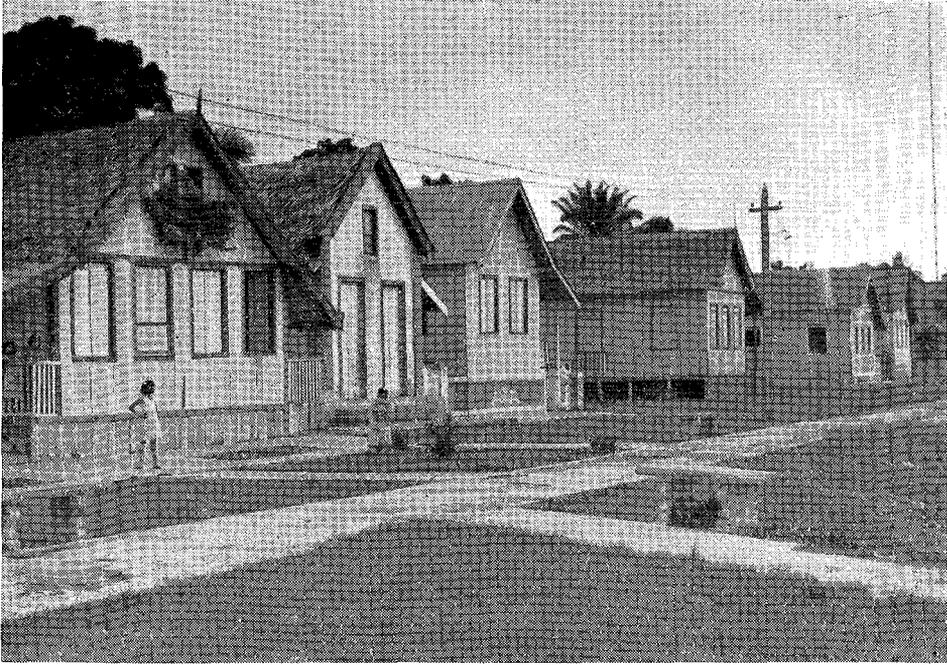


Fig. 12 — Aspecto parcial da cidade de Tarauacá. É interessante observar-se que todas as ruas desta cidade têm uma calçada na sua parte central, a qual é ligada por pequenas calçadas às portas das casas. Estas foram construídas tendo em vista o lamaçal que é produzido por ocasião da estação das águas. Na parte junto ao pôto, onde existe um declive para as margens do rio, há uma calçada suspensa, construída de madeira. Aliás todas as habitações comerciais que estão junto ao pôto são de madeira e construídas sobre estacas.

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C N G)



Fig. 13 — Casas da Colônia Penal, localizada próximo da cidade de Rio Branco

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C N G)

Este tipo de clima quente e úmido aliado ao baixo nível cultural dos habitantes da região, condiciona o desenvolvimento do complexo patogênico tropical com grande propagação da febre palustre, parasitos intestinais, etc.

A população da Amazônia Acreana (Figs. ns. 4 e 5) vive na quase totalidade em função da indústria extrativa vegetal — borracha (Fig. n.º 6). Esta atividade econômica é que condiciona a dispersão da população em função dos pés de hévea. Todavia o isolamento do *habitat* é feito de modo linear, seguindo em grande parte ao longo do rio. E' preciso assinalar porém, que a dispersão do coletor de látex e do coletor de castanha (este último na bacia do Purus), embora se faça ao longo dos rios como assinalamos, também se realiza em menor quantidade no seio da floresta, seguindo os "varadouros". No Baixo Amazonas a população se dispersa praticamente ao longo dos rios, e isto devido ao fato de os seringais se situarem em zonas inundáveis por ocasião do inverno. Já no Acre os seringais estão na "terra firme" o que facilita a dispersão da própria população dentro da floresta.

No município de Rio Branco se encontra o maior centro populacional, cujo exemplo nos é dado pela cidade de Rio Branco capital do território (Figs. ns. 7 e 8). Este é indiscutivelmente o centro urbano mais importante não só da bacia do Purus como de toda a Amazônia Acreana. Na bacia do Alto Juruá, a cidade de Cruzeiro do Sul constitui o centro demográfico mais importante (Figs. ns. 9 e 10).

Outros centros urbanos existentes no território do Acre são os de Xapuri (Fig. n.º 11), Brasília, Feijó e Tarauacá (Fig. n.º 12); os dois primeiros localizados na bacia do Alto Purus, e os dois últimos na bacia do Alto Juruá.

Quanto à colonização cumpre assinalar que as colônias acreanas, na sua quase totalidade não possuem organização e além do mais não se restringem às atividades agro-pastoris, compreendendo também as que dizem respeito à indústria extrativa vegetal e à caça de animais silvestres. (Fig. n.º 13).

As colônias acreanas se dedicam, de modo geral, muito mais à exploração de produtos da coleta e da caça, do que à agricultura e criação.



Fig. 14 — Ao longo da rodovia Plácido de Castro, inaugurada em 1952, podemos observar que as margens da estrada estão mais intensamente ocupadas nas proximidades de Rio Branco, e mais especialmente no trecho onde está instalada a colônia agrícola, ou melhor agro-extrativista José Guimard dos Santos. No percurso depois dos quilômetros ns. 16 e 37, a floresta ainda não foi intensamente derrubada como na colônia a que nos referimos linhas acima. Os campos de cultura se limitam às pequenas clareiras abertas na mata como se pode ver na foto acima inteiramente cercada pela densa floresta. Estes ainda são raros tendo em vista que a penetração do homem se limitou à fixação no trecho da estrada mais antiga.

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)

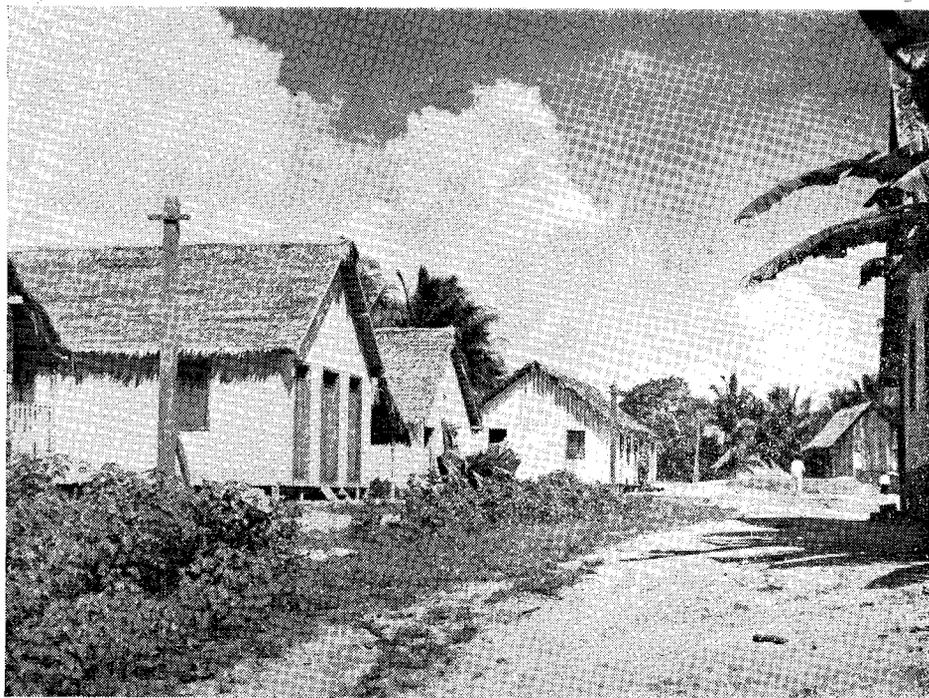


Fig. 15 — Na sede da vila de Japiim, tôdas as construções são de madeira e cobertas de fôlhas de palmeira, como se pode ver na foto acima.

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)



Fig. 16 — Pequena "loja de comércio" na sede da vila de Japiim.

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)



Fig. 17 — Canavial, no segundo plano da fotografia, na colônia de Japiim, na vila do mesmo nome.
(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)



Fig. 18 — Área de floresta derrubada e queimada para ser cultivada. A plantação é feita por entre os troncos que não foram completamente destruídos pelo fogo, como se pode ver na foto acima.

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)

A palavra “colono” passou a designar qualquer habitante da zona rural que plante um pouco ou que faça a criação, e “colônia”, qualquer agrupamento de homens da zona rural que alie à atividade da coleta, as da lavoura e pecuária.

No município de Rio Branco encontram-se duas grandes colônias, a do Seringal Empresa e a José Guimard dos Santos (Fig. n.º 14). Em Cruzeiro do Sul a maior colônia é a de Vila Japiim (Figs. ns. 15, 16 e 17).

Existem colônias em todos os municípios, porém, não estão ainda organizadas.

Torna-se necessário frisar que algumas das chamadas “colônias”, nem ao menos possuem as suas terras demarcadas, e conseqüentemente o loteamento também não foi feito (Fig. n.º 18).

No tocante às atividades econômicas cumpre ressaltar mais uma vez as que dizem respeito à coleta de produtos da floresta, à caça e à pesca. A extração de borracha é a mais importante (Figs. ns. 19 e 20). Quanto à coleta de castanhas, só é realizada na bacia do Purus. As peles silvestres pesam sensivelmente na balança de exportação do território, todavia cumpre salientar que não existem grupos que vivam apenas da caça. Esta é feita por todos os que habitam a zona rural a fim de obter carne fresca, aproveitando por conseguinte o couro para vender.

No que diz respeito às atividades agro-pastoris estas não estão suficientemente desenvolvidas, acarretando importações maciças mesmo de gêneros alimentícios (Figs. ns. 21, 22 e 23). Os trabalhos da lavoura são descuidados, por causa dos altos preços compensadores da goma clástica. E, podemos dizer que no momento atual não há praticamente nenhuma cultura de gêneros alimentícios que alcance preços tão compensadores como a borracha.

A atividade criatória só agora está começando a se desenvolver, todavia é ainda bem insuficiente e não tem capacidade de suprir as necessidades do mercado interno no que diz respeito ao consumo de carne, leite, manteiga e queijos.

Não encontramos no Acre grandes empreendimentos particulares que se dediquem às atividades agro-pastoris. A lavoura é, em geral, apenas para subsistência, e as fazendas são mais propriamente fazendolas, com poucas cabeças de gado. E' preciso salientar

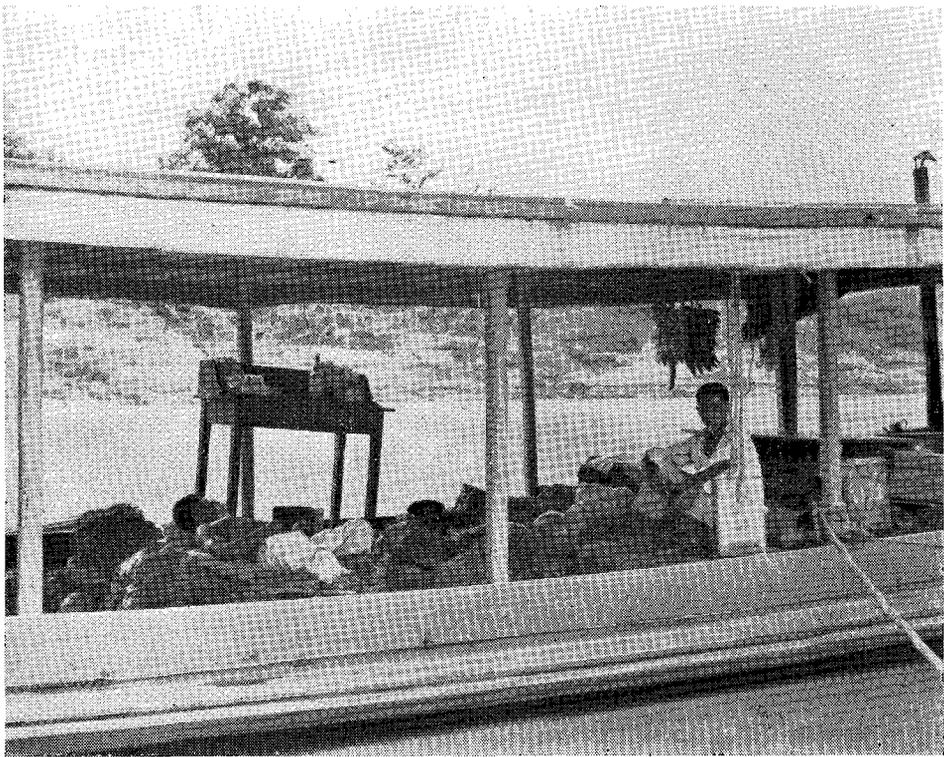


Fig. 19 — Batelão carregado de sernambi no pôrto do município de Rio Branco.
(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)

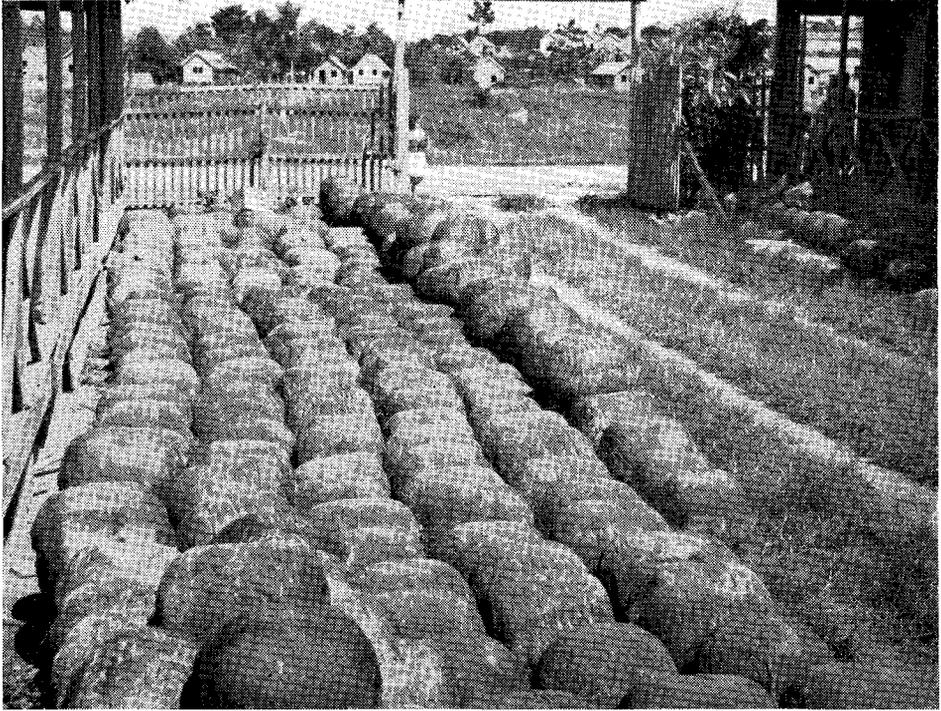


Fig. 20 — “Pélas” de borracha no município de Rio Branco.

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)



Fig. 21 — No município de Cruzeiro do Sul, na zona próxima à cidade estão atualmente abrindo uma série de estradas de penetração, como: Sacado, Mourapiranga, Badejo, Remanso, etc. Ao longo dessas estradas a floresta é destruída para a localização de quadras de cultura. O “colono” prepara a terra com a técnica primitiva das derrubadas anuais e consecutiva queimada. Rotação anual ou bi-anual das terras de plantio. A foto acima focaliza uma área de capoeiras na estrada de Mourapiranga.

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)

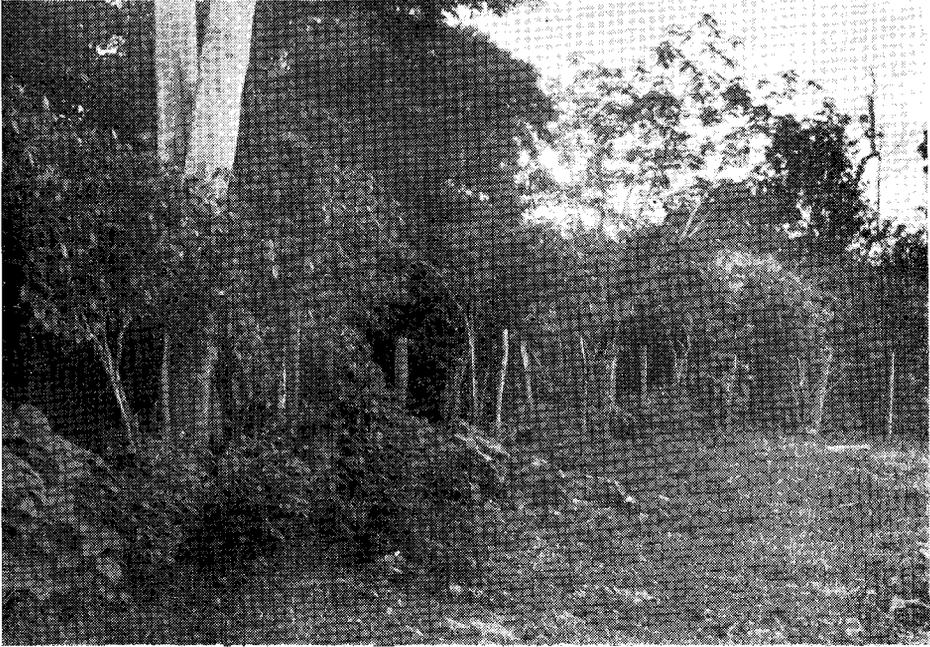


Fig. 22 — No território do Acre observa-se um verdadeiro paradoxo, no que diz respeito ao cultivo do café. Pois, enquanto a agricultura é feita de modo empírico, os cafézais são plantados com certo cuidado, e geralmente sombreados com mangueiras ou ingázeiras, como se pode ver na foto acima, tirada no município de Brasiléia. Cruzeiro do Sul é, dos municípios acreanos, o maior produtor de café.

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)



Fig. 23 — Colheita de arroz na estrada de penetração do Sacado, no município de Cruzeiro do Sul, feita pelas mulheres, enquanto os homens estão empenhados na tarefa do corte da "seringa".

(Foto TIBOR JABLONSKY, do C.N.G.)

que as propriedades privadas que exploram a lavoura e a pecuária são geralmente pouco desenvolvidas dedicando-se também às atividades extrativas do reino vegetal.

O comércio do território do Acre se caracteriza por uma grande importação de produtos manufaturados e mesmo gêneros alimentícios. E, no tocante aos produtos exportados, estes restringem-se aos de origem extrativa como: borracha, castanha, madeiras, peles e couros silvestres. Os portos de Manaus e de Belém são os dois centros que realizam o maior número de operações comerciais com o território do Acre. Aliás isto é fácil de ser explicado tendo em vista a proximidade dos mesmos. Devemos salientar ainda que mesmo do sul do Brasil seguem para o Acre produtos diversos, inclusive gêneros alimentícios.

Os transportes aquáticos são os que têm maior importância e a este propósito é preciso que salientemos a velha idéia de que na Amazônia, não é preciso pensar na construção de rodovias, tendo em vista o grande número de rios aí existentes. No entanto, no alto curso do Juruá e do Purus os efeitos da variação do nível d'água no decorrer do ano, se fazem sentir com grande intensidade. E, como consequência dessa variação da descarga, a impraticabilidade dos rios por ocasião da estação seca torna-se um fato, permitindo apenas a circulação de pequenos "batelões".

A construção de rodovias na Amazônia Acreana é portanto um dos problemas que está necessitando um ataque mais rápido, para a sua pronta solução. De grande significação econômica será a construção de rodovias que permitam uma comunicação mais fácil e rápida entre os diversos núcleos populacionais. O isolacionismo não gera o progresso cultural e econômico, ao contrário, condiciona a estagnação e mesmo a regressão.

No momento o avião constitui o único meio rápido de que o homem pode utilizar-se para se locomover na região.

Para se compreender o valor da navegação aérea nessa região onde apenas domina a navegação fluvial, basta dizer que, uma viagem por via fluvial entre as cidades do Alto Purus e as do Alto Juruá, como a de Cruzeiro do Sul, demora mais de um mês, enquanto o percurso por via aérea é de cerca de 3 horas, com um pouso em Tarauacá; como se vê a diferença é muito grande.

Esta situação será contornada ou melhor, resolvida com a construção de rodovias.

Finalizando podemos dizer que em muitas áreas a paisagem natural ainda não foi praticamente alterada. Somente ao longo de alguns rios, de uns poucos "varadouros" e das pequenas rodovias de penetração próximo às cidades, a paisagem já sofreu sensível transformação, com a derrubada da floresta e a construção de casas, formando os pequenos núcleos populacionais.

BIBLIOGRAFIA

ACRE

- AQUINI — "A Colônia do Acre" (artigos publicados no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro de 13, 14, 15, 21 e 29 de junho e 4 de julho de 1905) p. 36 — Rio de Janeiro, Tipografia do "Jornal do Comércio" de RODRIGUES J. C., 1905.
- AZEVEDO, Dr. Gregório Taumaturgo — "O Território do Acre" In: "Anais de V Congresso Brasileiro de Geografia", pp. 757-772, 1918, Bahia. Imprensa Oficial do Estado.
- BARRETO, Carlos Xavier P. — "Rio Branco — o geógrafo". 94 pp.. Rio de Janeiro, 1947.
- BARRETO, Edmundo Muniz — "O Território do Acre perante o Supremo Tribunal Federal". 154 pp. Rio de Janeiro, 1919.
- BENCHIMOL, Samuel — "O cearense na Amazônia — Inquérito antropogeográfico sobre um tipo de imigrante" In: "Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia". Vol. III.
- BENEVIDES, Marijesco de Alencar — "Os novos territórios federais" 264 pp., 70 fotos, 6 mapas, 1 planta. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946, pp. 1-78.
- BONFIM, Sócrates — "Reflexões em torno da valorização da Amazônia", ed. mimeografada.
- CARVALHO, M. Pacheco de — "Plano racional de recuperação e colonização da Amazônia". In: "Rodovia", ano XIII, n.º 143, janeiro de 1952, pp. 9-10.

- CASTELO BRANCO, J. M. B. — “Economia Acreana” In: “Boletim da Sociedade Brasileira de Geografia”, ano I, n.º 2, pp. 35-40.
- “Importância dos rios acreanos na história e geografia do Acre” (91.ª tertúlia realizada em 26-12-941) In: “Boletim Geográfico”, ano II, n.º 22, janeiro de 1945. pp. 1563-1576.
 - “Afluentes do rio Juruá: o rio Purus e seus afluentes; o rio Abunã e o Javari; (93.ª tertúlia realizada em 12-6-945) in: “Boletim Geográfico”, ano II, n.º 23, fevereiro de 1945, pp. 1720-1733.
 - “Comunicação sobre o território do Acre — Tentativa de desbravamento da região do Acre (113.ª tertúlia realizada em 12-6-1945) In: “Boletim Geográfico”, ano III, n.º 28, julho de 1945, pp. 595-903.
 - “Terra e gente do Acre” In: “Boletim Geográfico”, ano III, n.º 73, abril de 1949, pp. 42-51.
- CASTRO, Cenesco de — “O estado independente do Acre e J. Plácido de Castro” (Excertos Históricos) — 342 pp.; 5 fotos, Tip. São Benedito, Rio de Janeiro, 1930.
- CASTRO, Plácido de — “Navegação do Rio Acre” 24 pp., 6 mapas, Tip. do “Jornal do Comércio”, Rio de Janeiro, 1907.
- CASTRO SOARES, Lúcio de — “Delimitação da Amazônia para fins de planejamento econômico” Separata da “Revista Brasileira de Geografia”, ano X, n.º 2, 50 pp., Rio de Janeiro 1949.
- CAUSEY O. R., e MELO, G. BRITO — “Malária no vale amazônico em 1942 e 1943”. In: “Boletim Geográfico”, ano VI, n.º 69, dezembro de 1948, pp. 1080-1085.
- CHAVES, M. Avelino — “L’exploitation de l’hevea sur le territoire fédéral de l’Acre” — In: “Brasil Album” n.º 10, Paris 31-3-1916.
- CONRÈA FILHO, Virgílio — “A geografia como fator das vitórias diplomáticas do barão do Rio Branco” In: “Revista Brasileira de Geografia”, ano VII, n.º 2, Abril-julho de 1945, pp. 261-302.
- CORREIA, Serzedelo — “O Rio Acre” (A ocupação Paravicini no rio Acre; limites, navegação e comércio com a Bolívia) — 220 pp., 3 figs., 2 mapas Casa Mont’Alverne Ed. Rio de Janeiro, 1899.
- CRAVEIRO COSTA — “A conquista do deserto ocidental” (subsídios para a história do território do Acre). São Paulo C.E.N. 1940 (“Brasiliama” V. 191).
- DEANE, Leônidas M. — “Observações sobre a malária na Amazônia” In: “Revista do Serviço Especial de Saúde Pública”, ano I, n.º 1, 1947.
- DEANE, L. M., e DEANE, M. P. — “Notas sobre a distribuição e a biologia dos anofelinos das regiões nordestina e amazônica do Brasil”. In: “Revista do Serviço Especial de Saúde Pública”, ano I, n.º 4, maio de 1948, pp. 827-865.
- ELEUTÉRIO, Wagner — “A tuberculose em Rio Branco”. In: “O Acre”, 18-1-1952.
- “A malária em Rio Branco” — In: “O Acre”, 15-4-1952.
 - “A disenteria amebiana em Rio Branco”. In: “O Acre”, 6-7-1952.
- FREIRE, Francisco Custódio — “Novos meios de produção da borracha” — T.F.A., D.P., 10 pp. ilustrações.
- FRÓIS ABREU, Sílvio — “O solo da Amazônia” In: “Amazônia Brasileira” C.N.G., Rio de Janeiro, 1944.
- GOSLING VELOSO, Marília — “Exploração da borracha da Erion Ltda., estado de Mato Grosso”. “Revista Brasileira de Geografia”, ano XIV, n.º 4.
- GOMES, Pimentel — “Colônias agrícolas acreanas” In: “Correio da Manhã”, Rio 27-6-1942.
- GOUROU, Pierre — “Observações geográficas na Amazônia” In: “Revista Brasileira de Geografia”, ano XI, n.º 3, julho — setembro de 1949 — Rio de Janeiro.
- “Observações geográficas na Amazônia” (2.ª parte). In: “Revista Brasileira de Geografia”, ano XII, n.º 2, abril-junho de 1950 — Rio de Janeiro.
- GOYCOCHÉA, Castilhos — “O espírito militar na questão acreana” (Ensaio) Biblioteca Militar. vol. XXXVIII; 124 pp; 1 mapa; Gráfica Laemmert Ltda.; Rio de Janeiro 1941.

- KUBITSCHKE DE FIGUEIREDO, João — “Problemas do Território do Acre” 37 pp. — Rio Branco 1952.
- “Planejamento geral para solução dos problemas acreanos”. 47 pp., 1953.
- LABRE, Coronel A. R. Pereira — “Viagem exploradora do rio Madre de Dios ao Acre” 1883 Rev. Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, tomo 4.º boletim 2.º, pp. 102-116.
- LIMA FIGUEIREDO — “O Acre e suas possibilidades” In: “Revista da Semana”, Rio de Janeiro — 2-5-1936.
- “A capital do Acre” In: “Revista da Semana”, Rio 2-5-1936.
- “Terras de Mato Grosso e da Amazônia” 347 pp., ilust. — Rio de Janeiro.
- “Acre e suas possibilidades” in: “Revista Brasileira de Geografia”, ano II, n.º 2, abril 1940, pp. 173-215.
- LÔBO, Luis — “O espírito militar na questão acreana”. In: “Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil”. Ano III, n.º 3, vol. III — 1943.
- MEIRA, Raul Arantes — “Exportação Geral” — Publicação n.º 51 do Departamento de Geografia e Estatística do Território Federal do Acre, 7 pp. e 4 quadros, maio de 1953.
- “Relatório das atividades do sistema estatístico acreano, referente ao ano de 1952”. Publicação n.º 50, Rio Branco, 1953.
- MOURA, P. de, e WANDERLEY, A. — “Noroeste do Acre”. Serviço de Fomento da Produção Mineral, Rio de Janeiro, 1938.
- NUNES, Osório — “Uma experiência de colonização” In: “A Manhã”, Rio de Janeiro 4-4-1946.
- OLIVEIRA, A. I. de — “Relatório da Comissão Brasileira junto à Missão Oficial Norte-Americana de Estudos do Vale do Amazonas” 476 pp. 236 figs. 1924, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, Nélson Correia de — “Aspectos geossociais do Acre” In: “Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia”, Vol. I, pp. 512-513, Rio de Janeiro — 1949.
- OURIQUE, J. — “O Amazonas e o Acre” 475 pp. Rio de Janeiro, 1907.
- PINOTTI, Mário — “Endemias tropicais e sua repercussão no povoamento” In: “Anais da I Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia”. Vol. II, Rio de Janeiro, 1952, pp. 5 a 39.
- RAJA GABAGLIA, F. A. — “Aspectos Gerais da Fisiografia das Regiões Fronteiriças — O Javari. A Região Acreana”. “Boletim Geográfico”, ano IV, n.º 38, maio de 1946, pp. 159-164.
- “Aspectos Gerais da Fisiografia das Regiões Fronteiriças — As Bacias do Juruá, do Purus e do Madeira” — “Boletim Geográfico”, ano IV, n.º 39, junho 1946, pp. 306-311.
- RONDON, Cândido M. S. e FARIA, João Barbosa de — “Glossário Geral das Tribos Silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil” tomo I, 255 pp. Serviço de Proteção aos Índios — Rio de Janeiro 1948.
- SANTOS GOLDWASSER — “Um pouco da história rodoviária do Acre” In: “O Acre” n.º 1092 de 24-10-1952.
- SCHMIDT, José C. Junqueira — “O clima da Amazônia” In: “Amazônia Brasileira” C.N.G. — Rio de Janeiro 1944.
- STERNBERG, Hilgard — “Vales tectônicos na planície amazônica?” In: “Revista Brasileira de Geografia”, ano XII, n.º 4, outubro — dezembro de 1950, pp. 511-534.
- VIEIRA, Faria Rufino — “Roteiro da estrada de rodagem Plácido de Castro” In: “O Acre” n.º 1092 de 24-10-1952.

* * *

“A borracha e os problemas que lhe são correlatos” (desenvolvimento do esquema da delegação acreana à III Conferência Econômica da Amazônia) 21 pp., 5 fotos, Rio Branco — Acre 1949.

“Aspectos municipais de Rio Branco” — Departamento de Geografia e Estatística do Território do Acre”. Comunicado n.º 4 — 28-1-1943.

- “Censo demográfico dos territórios federais” (1º de julho de 1950) 116 pp, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro 1952.
- “Comércio interno do Brasil (II) — Região Norte” In: “Conjuntura Econômica”, ano VII, nº 4, abril de 1953, pp 27-33
- “Dados Estatísticos do Departamento de Geografia e Estatística do Território do Acre — 1950” Ed mimeografiada.
- “Dados Estatísticos do Departamento de Geografia e Estatística do Território Federal do Acre — 1951”. Ed mimeografiada.
- “Efemérides 1857-1946” — Ed mimeografiada do Departamento de Geografia e Estatística do Território Federal do Acre Rio Branco, 1947
- “Fomento da produção agro-pastoril e da indústria extrativa” In: “O Acre” 25-4-1950
- “Noticiário Histórico, Geográfico e Estatístico do Acre” Ed mimeografiada, Rio Branco, maio de 1949.
- “Núcleo Colonial Seringal Empiêsa” (Uma experiência vitoriosa) in: “O Acre” 25-4-1950
- “O Acre atual” — Departamento de Geografia e Estatística Rio Branco 1944.
- “O Acre e sua produção” (comentários) Departamento de Geografia e Estatística 1944
- “Relatório” de 1951 do Banco de Crédito da Amazônia S A ” — 240 pp, Belém, 1952